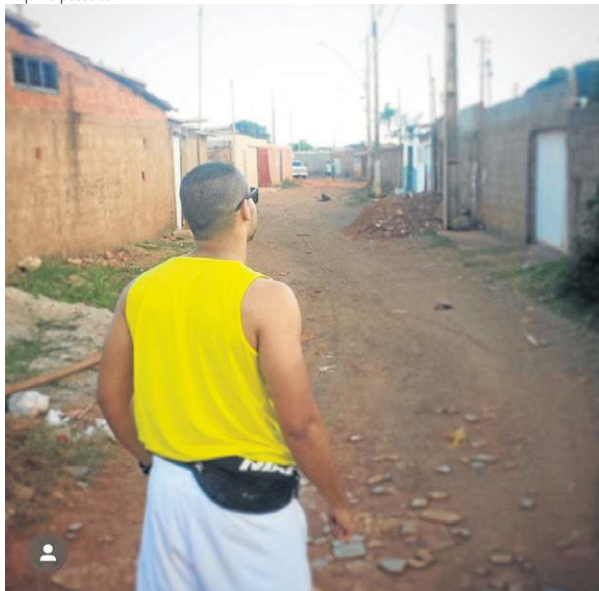


Arquivo pessoal



William no Sol Nascente, onde foi criado

Arquivo pessoal



Trabalhando no ramo de construção

Arquivo pessoal



Estágio na Organização das Nações Unidas (ONU)

Arquivo pessoal



Posse como terceiro-secretário do Ministério das Relações Exteriores em 23 de janeiro

Naquele momento, ele achava que fazer o concurso para diplomacia não era uma realidade próxima, até que algumas oportunidades surgiram. Já formado em relações internacionais, participou do programa Brasília Sem Fronteiras, do Governo do Distrito Federal (GDF), que selecionou estudantes de escolas públicas e servidores para fazer intercâmbio, tendo a chance de fazer um curso de um mês na Áustria: “Eu olhava a diplomacia com olhos brilhantes”, diz. Em 2017, William resolveu se

dedicar a essa jornada e prestou o concurso do Itamaraty pela primeira vez, passando para a etapa discursiva da prova.

Apesar da reprovação, por meio da Bolsa Prêmio de Vocação para Diplomacia, programa do MRE que fornece recursos para profissionalização de candidatos pretos e pardos, o diplomata fez uma formação complementar junto à Organização das Nações Unidas (ONU) na Suíça durante quase quatro meses, o que aumentou, ainda mais, seu desejo pela profissão. “Foi aí que

eu me apaixonei mesmo. Falei: ‘Cara, é isso que eu quero para minha vida’. Só não sabia que seriam mais seis anos de luta, tentativas e falhas até chegar lá”, expõe o servidor.

Nos últimos dois anos de estudo antes da aprovação no concurso, William conta que trabalhava 48h semanais na Polícia Penal, além do emprego em uma clínica de estética com a esposa e também no ramo de construção, com a fabricação de blocos de cimento. “Naquele momento tão turbulento, a galera perguntava

como eu fazia para estudar. Eu estudava na hora que dava e, muitas vezes, isso era das 3h às 7h da manhã. Foi difícil, realmente extenuante, mas era o possível, e que bom que deu certo.”

## Persistência

Sem ter diploma de língua estrangeira, importante para a diplomacia, William acredita que seu diferencial foi a persistência. “Eu tinha medo de nunca passar, porque achava difícil. Eu via os aprovados nos anos anteriores e

pensava: ‘Como esses caras conseguem fazer isso?’. Mas se tem algo que eu fiz bem, foi não desistir. Eu decidi que iria até o final, porque uma hora eu passaria. E quem não desiste, chega”, compartilha, alegre.

Como sua primeira inspiração, ele cita a mãe, que sempre acreditou no seu potencial. “Ela me falava: ‘Você pode ser o que você quiser. Corre atrás e dá o seu melhor, que você vai conseguir’. Minha mãe já se dizia muito orgulhosa dos filhos, mas eu sempre quis dar mais orgulho ainda para ela”, conta, emocionado. Ele diz que também tem grande admiração por Sérgio Vieira de Mello, diplomata brasileiro das Nações Unidas morto em um atentado no Iraque em 2003: “Era uma figura fantástica”.

Além da mãe e de Sérgio, William se espelhava em outros jovens que tinham vivências parecidas às dele. “Eu achava muito bonito ver histórias de pessoas que, apesar das dificuldades, passaram em concursos, como a de um rapaz que foi gari e tomou posse como juiz federal”, destaca.

## Recado

Como recado final, o diplomata espera que sua trajetória possa inspirar outros que, assim como ele, vieram “de baixo”, em um contexto com poucas oportunidades e perspectivas de vida, mostrando que é possível ascender profissionalmente e superar os obstáculos da realidade social em que estão inseridos. A essas pessoas, ele diz: “Se você tem um sonho, corre atrás disso que vai dar certo. O estudo é sempre o melhor caminho, e foi assim que cheguei até onde estou hoje.”

\*Estagiária sob a supervisão de Marina Rodrigues